busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, p. e521974299, 24 maio 2020.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. Revista Dialogia, n. 34, p. 14, 2020.

PEREIRA, Leonardo Romão et al. O uso da tecnologia na educação, priorizando a tecnologia móvel. v. 16, 2012. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/336529464_O_USO_DA_TECNOLOGIA_NA_EDUCACAO_PRIORIZANDO_A_TECNOLOGIA_MOVEL > Acesso em 21 de jul21.

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

DESAFIOS E NOVAS PERSPECTIVAS

DENIZE OLIVEIRA ALVES

RESUMO

O ato de ler e escrever é dado como uma habilidade e direito que não deve ser negado ao cidadão. No entanto, a falta de acessibilidade escolar por motivos pessoais ou sociais, viola diretamente esse direito, o que compromete sua autonomia e, por muitas vezes, insegurança ao falar/comunicar-se, pelo medo de não ser compreendido. Diante das informações apresentadas, cabe ressaltar que a alfabetização de jovens e adultos não ocorre semelhante à alfabetização de crianças, isso porque, em sua maioria, falta motivação do próprio adulto no processo de alfabetização, responsabilidades que acabam se tornando mais importantes que sua formação, ou então, a baixa autoestima, vergonha por ter "perdido tempo" e estar retornando à sala de aula, atitudes que podem postergar o processo de aprendizagem escrita e leitura do adulto. A educação de jovens e adultos no Brasil ainda é recente em seus aspectos teóricos e de conscientização sobre sua importância na autonomia e condição humana.

Palavras-chaves: EJA; educação; jovens e adultos; alfabetização; Paulo Freire; método.

INTRODUÇAO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as características práticas e teóricas da alfabetização de jovens e adultos. A fundamentação dessa pesquisa se dará principalmente pelos estudos de Paulo Freire; segundo o educador, todo ser humano é capaz de aprender a partir de seus saberes já existentes (conhecimento prévio), uma vez que, acredite em si mesmo e no seu potencial para desenvolver novas habilidades e alcance de seus objetivos pessoais e educacionais. Ainda sobre a alfabetização de jovens e adultos, Paulo Freire descreve que esse processo de alfabetização não se assemelha a metodologia aplicada nos anos iniciais com crianças em fase escolar, para tal, o educador precisa estar consciente sobre o

embasamento teórico e desenvolver métodos que despertem o interesse e criatividade dos jovens e adultos em aprender

mais, com foco e responsabilidade sobre sua própria trajetória escolar/alfabetizadora. Na teoria Freiriana, não são ensinados métodos como repetição de palavras, mas sim, com base em palavras presentes no cotidiano do adulto que sejam significativas para eles e, desse modo, gerando novas palavras; toda metodologia precisa estar o mais próxima possível daquilo que já é de conhecimento dos jovens e adultos em sala de aula.

O problema de pesquisa norteador no desenvolvimento deste trabalho se dá no seguinte questionamento: quais são os desafios e como se desenvolveu o que entende se por educação de jovens e adultos na atualidade?

para tal o objetivo geral consiste em apresentar como acontece o processo de alfabetização de jovens e adultos.

Os objetivos específicos se definem a descrever este processo de alfabetização a partir da teoria de Paulo Freire em correlação as afirmações de outros autores da área. Além disso, contextualizar sobre os métodos e práticas aplicados no EJA no que se refere à alfabetização.

A escolha deste tema justifica-se na intenção de investigar e explanar as características da educação de jovens e adultos com ênfase em seu processo de alfabetização. Quanto a metodologia para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado embasamento teórico por meio de artigos eletrônicos, teses e dissertações, além de e-books e livros na área da educação de jovens e adultos, caracterizando-se em uma pesquisa de revisão bibliográfica.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

De acordo com Arroyo (2007) a EJA é uma modalidade de ensino, cuja adultos e jovens a partir dos 15 anos tem a oportunidade de retornar aos estudos de forma presencial ou a distância, com o objetivo de concluir a educação básica. O público atendido por essa modalidade, em sua maioria, não teve a oportunidade de estudar ou então optou por trabalhar em função da responsabilidade com a sua família ou outros problemas pessoais os quais ocasionam a interrupção dos estudos de forma regular.

Historicamente, a educação de jovens e adultos foi marcada por fases burocráticas e de dificuldades em sua implementação; uma vez que, a educação, entre os séculos XV a XVIII não se destinava a classes baixas, a qual tinham obrigatoriamente a responsabilidade de servir às classes dominantes. Com isso, jovens e adultos, inclusive crianças, não tinham acesso à escolaridade, o que ocasionava um reflexo direto na defasagem sobre a dominância linguística, matemática e de questões sociais (ARROYO, 2007).

O primeiro programa voltado para a educação de jovens e adultos no Brasil ocorreu em 1947, por meio de uma Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos, coordenada pelo Ministério da Educação e Saúde e coordenada por Lourenço Filho. Tal iniciativa objetivava proporcionar técnicas que facilitassem o acesso à cultura e conhecimentos gerais de pessoas que não puderam manter a sua escolarização concluída pela grande demanda do capitalismo e serviço demasiado o qual desvalorizava as classes baixas (PAIVA, 1987).

Santos (2003, p. 74) completa:

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico).

Em paralelo a campanha de 1947, entre 1948 e 1950, o Serviço de Educação de Adultos (SEA) reforçou campanhas e estratégias que pudessem encorajar jovens e adultos a retornarem aos estudos, ainda assim, a sociedade tinha uma visão preconceituosa sobre o analfabetismo, associando essa condição a escassez econômica, falta de conhecimento cultural é incapacidade de suas funções sociais enquanto cidadão. Uma outra face imersa ao preconceito que ainda se estendia sobre essa modalidade de educação encontrava-se na própria formação de professores destinados a atuarem nessa área, uma vez que, não se exigia formação específica para a docência em salas de aulas como a EJA. A concepção era de que qualquer pessoa alfabetizada e letrada poderia desempenhar o papel de educador e "transmissor" do conhecimento, por considerarem isso mais fácil e rápido. Sem uma qualificação específica, os afetados por essa prática não eram apenas os estudantes, mas os próprios responsáveis por essa educação, pois não se reconhecia a necessidade de remuneração mediante a tal prática, pois esses eram contratados como voluntariados, o que ocasionou uma insatisfação e abandono das salas de aula, explica (PAIVA, 1987).

Mediante a situação grave na qual metade da população brasileira era considerada analfabeta, a UNESCO cria mais um programa que serviria de incentivo à população acerca da necessidade da. alfabetização. Com isso, em 1952, sob o conceito de educação funcional (entendida como uma educação global e integrada, como objetivo de conscientizar jovens e adultos sobre funcionalidade da alfabetização e de sua ligação direta as questões sociais) na qual uma campanha voltada exclusivamente para a população do nordeste (uma das mais afetadas pelo analfabetismo) faltava a necessidade de se dar mais atenção a esse público, oferecendo um serviço de qualidade e com profissionais preparados para o assunto, levantando as primeiras impressões sobre a importância de políticas públicas direcionadas a educação de jovens e adultos, completa autora.

Foi em 1963, que o Ministério da Educação entrelaçou os resultados em pesquisas e campanhas sobre a educação de jovens e adultos ao estudo de Paulo Freire, colocando o mesmo, a frente tem alguns programas de educação para esse público.

Em órgãos documentais direcionados exclusivamente para a educação, a Educação de Jovens e Adultos teve sua aprovação na LDB 9394/96, seguida das diretrizes curriculares nacionais da educação de jovens e adultos no parecer nº 11/2000, no qual teve como definição e caracterização parte da educação básica correspondente aos direitos educacionais àqueles que não puderam concluir os estudos. Além disso, os documentos mencionados acima trouxeram uma ampliação e contextualização socioeducativa sobre a metodologia, objetivos e rele-

vância da oportunidade de se restabelecer no campo educacional, modificando, ainda, nomenclaturas como “supletivo”, descreve (FÁVERO, 2009).

Como olhar de Freire para a educação, algumas considerações começavam a ser repensadas, e assim, reorganizadas para que funcionassem efetivamente. De início, o pensador defendia que:

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção do de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. (FREIRE, 2001, p.16)

De acordo com Novais (2010) com a Constituição Federal de 1988, a Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal 9394/96), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (Resolução CNE/CEB 01/2000 e o Parecer CNE/CEB 11/2000) a EJA é definida como um direito a oportunidade de aprender de maneira digna.

1.2 A educação de jovens e adultos na perspectiva de freire e outros autores

Paulo Reglus Neves Freire, conhecido como Paulo Freire, nasceu em 19/09/1921 em Recife Pernambuco. Trabalhou no instituto SESI (serviço social da indústria) e no serviço de extensão cultural da universidade do Recife, universidade na qual Freire descobriu seu interesse pelos assuntos educacionais. Em 1958 Freire conclui a sua tese para um concurso na universidade em que trabalhava, neste mesmo lugar como professor de história e filosofia, o educador também vivenciou experiências de alfabetização com angicos, de modo em que já apresentava um jeito autêntico e observador da alfabetização para jovens e adultos (GADOTTI, 1996).

Segundo ele, o processo de alfabetização para pessoas que não tiveram uma oportunidade de frequentar a escola, deveria acontecer de maneira consciente na qual o maior objetivo seria capacitar o oprimido para a aquisição da leitura e escrita como meio para a sua libertação, autonomia e integridade humana. A partir daquele momento, Paulo Freire se destacava como um pensador diferente, com grande potencial para transformação necessária na educação (TORRES, 1979).

Nos anos seguintes, Paulo Freire ampliou seus estudos com base em sua primeira tese na universidade de Recife: foi professor na Unicamp e na PUC São Paulo, consultor do departamento de educação do conselho mundial das igrejas em Genebra – Suíça, atuou como consultor educacional junto a governos de terceiro mundo como na África, desenvolveu trabalhos e metodologias como professor na universidade de Harvard, além da elaboração de projetos direcionados para alfabetização de adultos dedicando-se a reestruturação curricular e valorização governamental ao trabalho dos professores explica (GADOTTI, 1996)

Torres (1979) relata que dentre suas principais obras Paulo Freire escreveu os livros “Prática da liberdade” - 1967; “Cartas a Guiné-Bissau” - 1975; “Pedagogia da Esperança” – 1992; “A sombra desta man-

gueira” - 1995 e “pedagogia do oprimido” – 1995, esta última tendo grande destaque na área educacional, como exemplo do que de fato é a educação, principalmente daqueles menos favorecidos por questões sociais.

O educador consciente da sua prática docente tem como principal objetivo aprendizagem significativa dos educandos, principalmente em situações nas quais haja um diz favorecimento do aluno quanto às questões educacionais e sociais.

Para Freire (1996, p. 59):

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global.

Desse modo, temos por entendimento, que na perspectiva do pensador Freire, a alfabetização é um dos principais meios pelos quais o sujeito tem acesso à cultura, exercício pleno de sua cidadania, além de sua inserção e interação quanto as questões sociais este conhecimento crítico.

É Importante destacar que os alunos da EJA procuram uma escola afim de “recompensar" o tempo em que não estiveram em sala de aula, uma forma de integrar-se a sociedade a qual faz parte, usufruir de direitos os quais ainda se sentem inseguros em opinar

Gadotti (2008) acrescenta que, por vezes, a educação de jovens e adultos não pode ser oferecida em poucos módulos, de modo em que o aluno frequente pouquíssimas aulas e já obtenha um certificado; é importante entender essa etapa com toda sua relevância na vida do educando e na sua participação ativa na sociedade, respeito e estabelecendo um processo de aprendizagem com qualidade e comprometimento com aqueles que precisam e procuram essa modalidade de ensino.

É indispensável acreditar nesses jovens e adultos que estão na sala de aula, oferecer a eles atividades que não subestimem sua capacidade e potencialidade em aprender coisas novas, pois como citado anteriormente, em uma sala de aula tão heterogêneo como a EJA encontramos expressões culturais e de costumes sociais que implicam diretamente em sua aprendizagem (FREIRE, 1998).

2 MÉTODO PAULO FREIRE DE ALFABETIZAÇÃO

Sobre o método, podemos iniciar este tópico com a seguinte citação:

O método Paulo Freire para a educação de adultos sistematizado em 1962 representa tecnicamente uma combinação original das conquistas da teoria da comunicação, da didática contemporânea e da psicologia moderna. Entretanto o método deriva diretamente das ideias pedagógicas e filosóficas mais amplas: não era uma simples técnica neutra, mas todo um sistema coerente no qual a teoria informava a prática pedagógica e seus meios. (PAIVA, 1973 p. 251)

Paulo Freire se destacava em suas concepções educacionais e filosóficas porque colocava o educando como centro de sua própria formação, uma vez que, o mesmo, acreditava que toda e qualquer pessoa

possui capacidade de aprender a partir de suas vivências pessoais. Além disso, para ele, o processo de ensino aprendizagem não pode acontecer de modo em que o educador entregue o conteúdo pronto para o aluno, sem que haja investigação em busca de resposta, isso pode ocasionar a evasão escolar, principalmente por parte dos alunos da EJA que podem e devem participar ativamente nessa fase em que eles estão se recolocando no contexto escolar. Nesse sentido ,sobre a alfabetização, Freire destacava o seguinte pensamento:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador (Freire, 1979, p. 72).

Nessa perspectiva, Paulo Freire reforçava a não utilização de cartilhas para alfabetização, pois como já mencionado, métodos como esse transformam o educando em objeto e não sujeito do seu próprio processo de alfabetização. alfabetizar adultos da mesma forma como se alfabetiza crianças também não se adequa aos meios para alcance do objetivo da Educação de Jovens e Adultos. Para ele, ditar sílabas a fim de memorizá-las torna o ensino mecânico, “vazio" e maçante para os alunos (GADOTTI, 1996).

Em seu método de alfabetização, Freire prioriza o vocabulário do próprio educando, “trazendo” para a sala de aula palavras que sejam de conhecimento deles e de seu repertório cultural; a partir dessas palavras, denominadas como palavras geradoras, são levantadas novas possibilidades de escrita e reescrita a partir do que eles já conhecem.

Estas palavras são chamadas geradoras porque, através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou re-constituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou, dentro delas, se configuram (FREIRE, 1987, p.6) como em todo planejamento pedagógico

A contextualização das palavras geradoras pode ocorrer por meio de um diálogo informal entre alunos e educadores, de modo em que todos possam expor o que já conhecem e as dúvidas que surgem ao de correr da aula. Não há uma quantidade específica de palavras, mas sim, uma organização do campo semântico delas, como por exemplo: palavras encontradas em uma lista de mercado, receitas e letras de músicas conhecidas por eles mesmos. Após a exposição das palavras, é levantada uma discussão sobre quais palavras são de conhecimento cultural de uns e de outros, e assim, todos trocam experiências acerca da realidade de seu cotidiano

(TORRES, 1979).

O que se correlaciona a citação de Ribeiro (2001, p.23), na qual explica:

A alfabetização e a educação de base de adultos devem partir sempre de um exame crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação das origens de seus problemas e das possibilidades de superá-los. (RIBEIRO, 2001, p.23)

Como em todo planejamento pedagógico, a alfabetização para esse público

segue algumas etapas: primeiro há uma investigação de palavras, como citado no parágrafo anterior, em que o professor busca saber o que os alunos já conhecem, palavras comuns em seu cotidiano e de seu repertório cultural, em seguida há uma exposição das mesmas para roda de conversa. Logo após, temos a etapa de tematização, na qual educador e educandos trabalham os significados sociais das palavras. por fim, a etapa de problematização: momento em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada (FREIRE, 2000).

Ainda sobre a aproximação da realidade e o que o aluno aprende na teoria, Freire menciona que a alfabetização se dá assim com o toque por meio da percepção real daquilo que o aluno está aprendendo, do uso de sua criatividade, da espontaneidade que o professor permite que aconteça em sala, do seu trabalho como mediador do que já é conhecido e o que se precisa conhecer, das experiências trocadas entre eles mesmos e, principalmente, da autoconfiança impulsionadora da educação de jovens e adultos. Como exemplo, Freire (1989, p.13) descreve a seguinte situação:

[...] Tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora.

Quanto ao papel do educador Diniz (2009) descreve que é preciso ter uma atenção para que a aula não se torne maçante e totalmente tradicional, o exercício da prática de leitura escrita deve ser constante, podendo se utilizar de músicas, logotipo de marcas famosas, noticiários e demais recursos pedagógicos que auxilie devidamente nesse processo, estimulando o aluno a participar da aula, não tenho vergonha de expor suas dúvidas e correlacionar teoria com que ele vive na prática.

Por ora, é inegável que os objetivos da EJA possam se dificultar no que é esperado pedagogicamente. Isso, porque:

Os educadores da EJA enfrentam inúmeros desafios no desenvolvimento das suas práticas docente, como uma heterogeneidade, a evasão, juvenilização do turno, a falta de materiais didáticos específicos, a baixa autoestima dos educandos, a rigidez institucional. Porém, em toda as situações esses educadores vão buscando caminhos alternativos que favorecem o processo de ensino, como criações próprias de cada um, diante das circunstâncias que vão enfrentando. (PORCARO , 2011, p.41).

Soares (2006, p.22), sobre o perfil dos educadores com relação aos de jovens e adultos em escolaridade, menciona que:

São jovens e adultos com rosto, com história, com cor, com trajetória sócio –étnico- racionais do campo da periferia. Se esse perfil de educação de jovens e adultos não for bem conhecido, dificilmente estaremos formando um educador desses jovens e adultos.

Acima de todo o conteúdo pedagógico e pragmático voltado para os jovens e adultos, o mais importante está na valorização em cada um que busca sua escolari-

dade depois de anos, mesmo enfrentando dificuldades sociais, econômicas e principalmente preconceituosas quanto a falta de escolarização. dentro de cada um deles há sonhos: o sonho de poder ler e escrever; de ter sua autonomia; Independência perante as suas próprias escolhas; “poder” sobre a sua fala; auto confiança para se expressar e se colocar diante de situações desafiadores e que necessitem da sua opinião; do seu exercício enquanto cidadão com direitos e deveres e, em muitos casos, poder iniciar sua trajetória no ensino superior, dando exemplo aos seus filhos, familiares e amigos próximos, mas acima de tudo, provando para si mesmo a sua capacidade (GADOTTI, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, é possível concluir que o ato de ler e escrever está para além da codificação e decodificação de códigos, é um “instrumento” de liberdade, de autoconfiança e poder mediante nosso papel enquanto cidadãos. Se por muitos anos pouco conhecia-se sobre a contribuição de um processo de alfabetização e letramento planejado com um objetivo sério e centrado nas potencialidades dos alunos, hoje, pode-se considerar que o cenário educacional, de fato, estabelece medidas que agregam para o conhecimento e ofertam melhores oportunidades para o retorno daqueles que não puderam concluir os estudos. O olhar para o adulto em fase de alfabetização e retorno para o ambiente escolar é diferente do que conhecemos na rotina de jovens e crianças; neste caso, é de suma importância que haja respeito e acolhimento com a história de cada um, dos motivos pelos quais deixaram a escola e o porquê estão retornando para ela. Quanto ao problema de pesquisa apresentado na introdução e norteando todo o conteúdo exposto aqui, compreende que os principais desafios encontrados no processo de alfabetização está em manter os alunos motivados a frequentarem a escola mesmo depois de muitos anos e com responsabilidades que antes não tinham; além disso, é preciso rever e conscientizar-se de que essa fase não ocorre como acontece em uma sala de aula com crianças, os adultos precisam de atividades que estejam correlacionadas ao seu cotidiano, trazendo-o para perto dos conteúdos educacionais de modo em que todos possam expor o que já conhecem e desejam compartilhar, além de seus receios, também.

Por fim, temos por entendimento, que alfabetizar adultos requer sensibilidade diante histórias diferentes, respeito sobre os objetivos e sonhos de cada um. Compreender que os adultos que, ali desejam recomeçar, buscar o melhor para si mesmo diante os desafios. Desse modo, cabe ao educador, ensinar e aprender (com seus alunos).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: Leôncio (org.) Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DINIZ, Melissa; VICHESSI, Beatriz. Educação de Jovens e Adultos: prática adequada.

Revista Nova Escola. N. 227, novembro, 2009.